

## AZAMOR

Esta poderia ser a história de um rei mouro do Al-Garb e da sua princesa, uma história das mil e uma noites, mas não é. É uma história verdadeira, de um casal de dois jovens empresários ligados à gestão e a empresas da área financeira que, ainda novos, resolveram mudar de rumo e empreender noutros sectores de actividade, entre os quais a agricultura. Aparentemente não é uma história nova, mas acontece que aqui, para os lados de Elvas, em Vila Boim, esta Família conseguiu realizar um projecto de dimensão e qualidade verdadeiramente notáveis.

Notáveis pela excelência que colocaram em tudo, nos mais pequenos detalhes, na visão de futuro, e tudo isto com um gosto irrepreensível e revelador de uma civilidade extraordinária.

Foi um enorme prazer trabalhar nestes projectos. Por tudo isto, mas também porque comungamos sempre num aspecto que presidiu a todas as intervenções, no domínio da construção nova e da renovação ou da reabilitação das existentes e que consistiu na valorização das referências e modos de fazer tradicionais da região, aliados ou em conjugação com a tecnologia e a inovação dos equipamentos, conseguindo-se assim atingir níveis de conforto e de funcionalidade bastante elevados.

Aliás, este é um aspecto que não é novo (para quem lê com mais frequência estes rabiscos) e traduz a noção de Tradição que entendo correcta – a transmissão do conhecimento de geração em geração, sempre melhorando, mas preservando o essencial do arquétipo original.

Como dizia ainda há pouco um amigo, a propósito destas coisas das arquitecturas, “O tempo é sempre o nosso melhor aliado”.

De facto, a tendência do pensamento contemporâneo nestas matérias vai muito mais pelos caminhos da natureza, do poder da natureza, da vitalidade do contexto e do contextualismo dos sistemas vivos. Esta mudança de pensamento, de “software da cultura” é lenta mas irreversível, nestas e nas demais matérias que à humanidade dizem respeito.

Lamentavelmente, persistem ainda formas de estar e pensar ligadas a um fundamentalismo industrial, abstracto e ultrapassado que se reflectem também na arquitectura. Continuamos a ser agredidos diariamente com propostas e intervenções completamente egotistas, quanto mais descontextualizadas e espalhafatosas melhor, sem sequer podermos ter uma palavra a dizer ou, o que seria mais correcto, sequer participar na decisão, poder escolher.

Somos confrontados com construções e urbanizações por fatalidade (talvez por gostarmos tanto de fado) e não porque tivemos a possibilidade de escolha

Impera uma ditadura do gosto, apoiada em modas passageiras e no culto de personalidades, mais ou menos exóticas que raiam o ridículo. É preciso é dar nas vistas e produzir edifícios ou reabilitá-los com soluções mais próximas do circo.

Mas a natureza encarregar-se-á de corrigir estas palhaçadas. É tudo uma questão de tempo.

Mas voltando ao monte de que desta vez nos ocupamos – o Monte do Zambujal – é o monte de uma herdade da região de que há pouco falávamos e que, tal como os demais, na região, era composto pela casa de habitação principal, algumas habitações de trabalhadores afectos à exploração agrícola e armazéns e outra construção mais afecta à produção propriamente dita.

Este monte, no entanto, distingue-se dos demais porque se nos depara como uma espécie de acrópole, implantado num ponto alto, murado, como se de uma fortaleza se tratasse (seria o castelo dos tais reis mouros?). No interior desses muros, forma com a casa principal um grande pátio ou terreiro que domina a planície que se estende diante dos nossos olhos, até Espanha. Uma vista absolutamente deslumbrante. Uma palmeira ou outra e uma capela completam o quadro verdadeiramente sublime.

Logo atrás da casa, junto ao caminho de acesso, encontramos uma construção longilínea, térrea, típica destas paragens, que serviu de lagar e de arrumo de alfaias e que hoje contém uma autêntica e extraordinária “fábrica”, do mais avançado que pode haver, que constitui a adega de produção da herdade. Por fora, ninguém diria. Conseguimos entre todos – enólogos, especialistas, arquitectos, engenheiros, ... - uma conjugação perfeita entre funcionalidade e integração arquitectónica.

Nesta obra, os materiais e os processos construtivos foram, tanto quanto possível, fiéis à natureza da construção existente, respeitando igualmente as tipologias arquitectónicas mesmo quando se interveio mais profundamente. O espaço interior da adega de produção constituiu a excepção a esta regra, não tanto pela qualidade do espaço em si, mas pelo equipamento que contém.

Este monte é hoje sede de uma empresa de produção vitivinícola de grande sucesso. Para além da adega de produção de que falávamos, tem os locais de estágio, de armazenamento, de engarrafamento ou de venda, tem ainda uma pequena habitação, um local para confeccionar refeições para os eventos de provas e a capela devidamente renovada.

Renasceu para uma vida diferente mas que em nada desmerece a anterior, fiel às tradições locais. Aqui produz-se, entre outros, um vinho de óptima qualidade – o Azamor – herdeiro seguro dos tais príncipes do Al-Garb, no corpo, no calor, na nobreza e na sabedoria ancestral que nos sugere.

Uma verdadeira história de Amor.

José Baganha, Out.2006